

MARK OWEN

COM KEVIN MAURER

NÃO HÁ HERÓIS

LIÇÕES DE VIDA DE UM
ATIRADOR DA TROPA DE
ELITE AMERICANA

Tradução

BERILO VARGAS

RENATA PUCCI

DA
RA
LE
LA

Copyright © 2014 by Mark Owen
Todos os direitos reservados incluindo o direito de reprodução
integral ou parcial em qualquer formato.
Edição publicada em acordo com Dutton, membro da Penguin
Group (USA) LLC, pertencente à Penguin Random House.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL No Hero: The Evolution of a Navy SEAL

CAPA Anthony Ramondo

FOTO DE CAPA Cedida por cortesia pela NRA Life of Duty
(do website da NRA)

CRÉDITO DAS IMAGENS Acervo pessoal do autor

PREPARAÇÃO Diogo Henriques

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Owen, Mark

Não há heróis: lições de vida de um atirador da tropa
de elite americana / Mark Owen com Kevin Maurer ;
tradução Berilo Vargas e Renata Pucci. — 1ª ed. — São
Paulo : Paralela, 2015.

Título original: No Hero: the Evolution of a Navy SEAL.
ISBN 978-85-65530-91-0

1. Estados Unidos. Marinha. SEALS — Biografia
2. História militar 3. Operações militares
4. Relatos 5. Terrorismo — Combate I. Maurer, Kevin.

II. Título.

15-00494

CDD-359.0092

Índice para catálogo sistemático:

- I. SEAL : Operações especiais : Estados Unidos : Marinha :
Operações militares : Relatos 359.0092

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Sumário

Prólogo: <i>Quarenta nomes</i>	9
1. O direito de usar a camisa: <i>Propósito</i>	22
2. Como nadar cinquenta metros debaixo d'água sem morrer: <i>Confiança</i>	36
3. O mundo de noventa centímetros: <i>Medo</i>	49
4. O capuz na caixa: <i>Estresse</i>	64
5. Voltar a salvo não está garantido: <i>Mentalidade</i>	77
6. A armadilha: <i>Confiança</i>	91
7. Revisão Pós-Ação: <i>Comunicação</i>	107
8. Atire, mova-se e comunique-se: <i>Relacionamentos</i>	125
9. Siga seu amigo: <i>Responsabilidade</i>	143
10. Conforto no desconforto: <i>Desconforto</i>	162
11. Atenção aos sapatos: <i>Evolução</i>	179
12. Matança: <i>Compartimentalização</i>	193
Epílogo: <i>A última parada do trem de alta velocidade</i>	208



1. O direito de usar a camisa

Propósito

Era só uma camiseta preta.

Tamanho médio, 100% algodão.

Na frente havia um esqueleto num macacão de mergulho ras-tejando numa praia. Tinha um m-16 nas mãos e uma faca no cinto. O esqueleto saía do mar, as ondas escuras arrebatando atrás. Um tridente dos SEALs aparecia no lado esquerdo do peito. O tridente foi a única razão para que eu a adquirisse.

Lembro quando a camiseta chegou pelo correio. Não havia como conseguir uma igual àquela numa loja na aldeia do Alasca onde fui criado. Vesti-a imediatamente, e usava-a praticamente todos os dias. Se estivesse limpa de manhã, eu vestia.

Para as outras pessoas, era apenas uma camisa que eu usava sempre. Mas, para mim, representava um objetivo de vida. Cada vez que eu a vestia, ela renovava minha disposição de me tornar um SEAL. Enfiar a camisa na mala, terminei de guardar o resto das roupas — incluindo um terno e sapatos emprestados — e fui para a pista de pouso. Ia assistir a uma conferência na capital, Washington, para “futuros membros militares”. Era 1992, e até hoje não sei como fui convidado, mas provavelmente o convite partiu de um dos muitos recrutas com quem falei sobre me tornar um SEAL.

A pista de pouso ficava nos arredores da aldeia e era nosso elo com a “civilização”, se é que se pode chamar assim qualquer cidade do Alasca. O estilo de vida da fronteira é o que faz as pessoas se mudarem para o Alasca. Quem quiser conforto, que fique em algum outro estado mais ao sul.

Vi o avião passar sobre as árvores no fim da pista e descer para o pouso. Enquanto o piloto e um novo grupo de caçadores descarregavam, abracei meus pais perto da pequena construção de sala única que servia de terminal.

Era a primeira viagem que eu fazia. Era a primeira vez que saía do Alasca sozinho. Era minha primeira visita a Washington. Mas, entre tantas primeiras coisas, a que me deixava mais agitado era conhecer o primeiro Seal.

Todo mundo na minha aldeia sabia que eu queria ser um Seal. Era um assunto do qual eu falava sempre com os amigos, e com o qual sonhava à noite. Li todos os livros que achei sobre os Seals.

Não sabia nada sobre a Equipe Seal [REDACTED] até ler *Rogue Warrior*, de Richard Marcinko. “Demo Dick” e “Tubarão da Delta” eram alguns dos seus apelidos. Ele trabalhou no Vietnã e depois criou a Equipe Seal [REDACTED]. *Rogue Warrior* conta a história da criação da unidade. A acreditar no que diz o livro, todo Seal é capaz de comer vidro e de levantar, deitado num banco, 226 quilos. Mais que tudo, eu queria provar que também podia fazer isso. Fora, talvez, a parte de comer vidro.

Naquela época, eu só pensava que seria legal ser um Seal. Sabia que o treinamento seria duro, mas era jovem demais para avaliar quanto. Certamente não sabia de todos os outros sacrifícios que precisaria fazer. Tudo que queria era ser como os caras sobre os quais tinha lido, e na época isso bastava para me fazer seguir em frente.

Tive sorte. Descobri meus objetivos muito cedo. Não acredito que compreendesse direito no início, mas a partir do momento em que descobri a existência dos Seals, soube que essa era a minha meta, por causa do desafio. Se me perguntassem, na época, *por que* eu queria ingressar, um senso de dever estaria na lista, mas não no topo. No

topo estava a necessidade de provar a mim mesmo que conseguiria concluir o mais severo treinamento militar que as forças armadas dos Estados Unidos tinham a oferecer. Por que haveria de querer outra coisa? Se fosse fácil, todo mundo faria. Olhando para trás agora, não sei muito bem por que era tão importante provar alguma coisa a mim mesmo. Tudo que eu sabia era que, depois de ler os livros de história, os Seals se destacavam como os mais difíceis e desafiadores. Acho que eu pensava que, se ia ingressar nas forças armadas, era melhor pensar grande.

O piloto me ajudou a acondicionar minha mala e subi a bordo do avião. Acenei para meus pais do banco apertado na parte de trás, quando taxávamos para tomar posição na pista. Minha família não era rica, mas meus pais se ofereceram para pagar o bilhete aéreo, e dois veteranos do Exército que moravam na aldeia cobriram as despesas restantes.

No aeroporto de Anchorage, peguei o itinerário da viagem e voltei a examiná-lo. Antes da palestra com os Seals, eu tinha que aguentar visitas aos monumentos nacionais e ouvir palestras sobre o Exército e a Força Aérea.

Mas, para conhecer um Seal, valia a pena.

Cheguei a Washington e imediatamente entrei no ritmo da conferência. Fomos ao Pentágono, que é muito mais legal nos filmes. A rigor, é apenas um edifício de escritórios de formato inusitado. Também vimos os monumentos a Lincoln e ao Vietnã. Naquela época, nada me despertou interesse. O vasto número de nomes no memorial do Vietnã me desconcertou, mas o impacto foi atenuado porque eu ainda não sofrera perdas como as que viria a sofrer anos depois no Iraque e no Afeganistão. Voltando a pensar no assunto, eu realmente não tinha ideia de que algum dia consultaria uma lista de nomes como a do muro, entendendo o que significa perder amigos íntimos e companheiros de equipe. Ao visitar o muro agora, compreendo a gravidade. Mas, naquela época, eu tinha apenas a ideia fixa de conhecer um Seal.

Tudo estava planejado nos menores detalhes, quase minuto a minuto, e toda manhã, quando eu vestia a roupa, via minha camiseta cuidadosamente dobrada. Guardava-a para a palestra com o Seal.

O encontro era à tarde. Por isso, depois do almoço de sanduíche e biscoito típico dessas conferências, corri para a sala de reunião onde o Seal ia falar. Infelizmente, quando cheguei à porta, fui informado de que a sala estava cheia.

A sala estava apinhada, mas vi ainda algumas cadeiras. Tentei argumentar com a mulher que tomava conta da porta. Ela fizera parte do grupo de acompanhantes e organizadores que estivera conosco a semana inteira. Senti que queria me deixar entrar, mas o número de cadeiras era limitado.

Ela se desculpou, mas não cedeu.

Uma multidão se formava do lado de fora. A palestra com o Seal era o ponto alto do período. Pela porta, vi o Seal de uniforme conversando com os acompanhantes mais jovens. O tempo estava se esgotando. Consultei meu itinerário à procura de outras sessões, mas nada chegava nem perto. Eu não sabia o que fazer. Voara milhares de quilômetros para assistir àquela palestra. Naquele momento, a viagem inteira parecia um desperdício. Eu estava arrasado.

Então, pouco antes de a palestra começar, a senhora da porta me chamou com um aceno. Disse que deixariam mais algumas pessoas entrar e me pôs para dentro. Só havia lugar em pé. Encontrei um canto nos fundos e esperei que o Seal começasse.

O Seal usava um uniforme de camuflagem verde de combate, com uma balaclava preta ajustada até o pescoço. As calças estavam enfiadas em coturnos para combate na selva. Ele tinha cabelos mais longos do que seria de esperar em alguém nas forças armadas. Não desgrenhados, mas não tão curtos como os dos Fuzileiros Navais. Tinha um ar arrogante, fato de que só me dei conta anos depois. Mais arrogante do que confiante, não tinha conhecimento suficiente da própria personalidade para saber que não é legal tentar parecer legal.

Sua apresentação começou com os clichês sobre os Seals. Os Seals são a força básica de operações especiais da Marinha. O acrônimo Seal faz referência à sua habilidade de operar no mar [*sea*], no ar [*air*] e em terra [*land*]. O presidente John F. Kennedy entendeu a necessidade de dispor de forças de operações especiais para travar guerras de guerrilha e criou os Seals com as Forças Especiais do Exército. No discurso de 1961 em que anunciou planos para desembarcar um homem na Lua, Kennedy também anunciou investimentos de 100 milhões de dólares para criar e treinar forças de operações especiais.

Formados de início por membros de equipes de demolição subaquática da Marinha, os Seals foram enviados para o Vietnã, onde trabalharam com a CIA e armaram emboscadas para retardar as linhas de suprimento no delta do Mekong. Ganharam o apelido de “homens de cara verde” por causa da tinta de camuflagem que costumavam usar no rosto em suas missões.

Não perdi uma palavra da apresentação de uma hora. Ele contou histórias sobre o treinamento BUD/S, de Demolição Subaquática Básica. Insistia que era muito difícil; nada no BUD/S era fácil, desde nadar nas águas gelidas do oceano até correr exaustivamente na areia macia da praia. Suas histórias me davam vontade de ouvir mais.

Depois da parte de perguntas e respostas, houve uma breve pausa antes do evento seguinte. Fui correndo ao meu quarto de hotel vestir a camiseta preta dos Seals. Queria tirar uma foto com o Seal. Imaginei que, se ia tirar uma foto, era melhor que estivesse usando minha camiseta predileta. Quando voltei à sala, o Seal ainda estava falando e respondendo a perguntas.

Aguardei pacientemente a minha vez.

“Posso tirar uma foto com você?”, perguntei, apertando sua mão.

Ele sorriu e pôs um braço em meu ombro. Se tivesse me mandado raspar a cabeça e andar para trás pelo resto da semana, eu teria obedecido. Pouco antes de um dos acompanhantes tirar a foto, ele se debruçou e sussurrou no meu ouvido.

“Sabia que quando uma pessoa não é Seal e usa uma camiseta dos Seals costuma levar um pé na bunda?”, disse.

Sorri e agradei, mas naquele momento tudo que eu queria era tirar a camisa. Corri para o quarto de hotel e enfiei-a no fundo da mala. Nunca mais a vesti. Quando voltei para casa, guardei-a na gaveta da cômoda. Eu não estava fazendo pose. Só não tivera oportunidade ainda de provar quanto valia. O comentário não só não doeu como aumentou minha paixão por me tornar um Seal. Eu me sentia como se estivesse me enganando ao usá-la. Foi então que me dei conta de que o desejo de ser um Seal não era fantasia de adolescente. Era a única coisa em que eu conseguia pensar que daria sentido e objetivo à minha vida. Eu queria conquistar o direito de usar a camisa.

Quando compreendi que meu objetivo era me tornar um Seal, nunca mais deixei de tentar alcançá-lo. Olhando para trás, acho que meus pais me ensinaram que ter um objetivo e viver de acordo com ele era importante. Meus pais eram jovens quando seu objetivo os levou para o Alasca, e eu sabia que aquilo havia significado para eles sacrifício e dificuldades.

Meus pais eram missionários. A fé os levou a mudar nossa família da Califórnia para o Alasca, longe de qualquer conforto urbano. Nada era fácil na vida de aldeia, mas isso não importava para eles. Todo mundo ali era pobre, pelos padrões do subúrbio americano, mas na verdade era apenas uma vida mais simples.

Morávamos numa casa de dois andares, a menos de cem metros de um rio. Eu via alces com tanta frequência da nossa porta da frente que já não me espantava. Havia uma estação de tv, nenhuma de rádio. Nossa casa tinha água corrente e eletricidade, mas não havia aquecimento central. Usávamos um imenso fogão de ferro na sala de estar para nos aquecer no inverno. Meu pai se levantava no meio da noite para manter o fogo aceso.

Havia um imenso depósito perto do fogão. Meu trabalho era abastecê-lo de lenha no inverno. Eu rachava as toras e mantinha a pilha de lenha guardada na varanda. Quando a pilha do depósito diminuía, eu

ia à varanda pegar outra fornada. Tarefas de rotina não eram para mim uma maneira de ganhar uns trocados. Nunca recebíamos nada. Fazia parte do esforço da minha equipe familiar para sobreviver no Alasca.

Uma das minhas primeiras lembranças na escola primária é de acender fogueiras. Em vez de nos ensinarem apenas a ler ou escrever, ensinavam-nos algumas habilidades básicas necessárias para a sobrevivência. Cada aluno da minha classe do terceiro ano recebia dois palitos de fósforo para acender uma fogueira de sobrevivência usando cascas de árvores do terreno da escola. Tínhamos que acender uma fogueira grande o suficiente para nos manter aquecidos durante todo o dia de inverno. O exercício tinha o objetivo de nos ensinar táticas de sobrevivência para o caso de nos perdermos, ou encalhamos. O inóspito Alasca pode ser um lugar muito perigoso para quem não sabe o que está fazendo, o que torna arriscada a caminhada para a escola e de volta para casa.

Minha escola de ensino médio era um corredor com seis salas. Tinha cerca de setenta crianças, do terceiro ao 12º ano. Minha turma do último ano tinha três alunos. Fui o orador na cerimônia de formatura; não me perguntem, por favor, qual era a minha média. Meus interesses estavam basicamente fora da sala de aula.

Eu caçava sempre que tinha oportunidade. Quando era adolescente, meu pai me deixava levar o barco da família rio acima em longas viagens para acampar e caçar. Eu queria estar fora, em atividade, o que muito provavelmente me levou à concepção de me tornar um Seal. Jamais quis ter que me preocupar com sinais de trânsito, tráfego, usar terno no trabalho todos os dias. A ideia de trabalhar num cubículo era como uma sentença de morte.

Comprei meu primeiro fuzil de assalto na escola, do professor de história. Era um AR-15, versão civil do M-4 das forças armadas. Ganhei o dinheiro para comprar o fuzil fazendo serviços para moradores da aldeia e na construção civil durante o verão. No intervalo das aulas, paguei setecentos dólares ao professor e guardei a arma no armário. Quando o sino tocou, coloquei-a na traseira do meu snow-

mobile — uma espécie de jet-ski para neve — e parti para casa. Sim, eu ia de snowmobile para a escola no inverno.

Tudo que não conseguíamos tirar da terra, tínhamos de comprar nas duas lojas da cidade, ou durante a visita semestral a Anchorage para estocar. Como vivíamos muito longe de Anchorage, os mantimentos eram caros. Na aldeia, o leite custava seis dólares o galão, por isso meus pais compravam leite em pó, que era mais barato.

O leite em pó era vendido em tonéis imensos, grandes demais para guardar no balcão da cozinha. Para facilitar o uso diário, minha mãe media pequenas quantidades e guardava em sacos plásticos. Fazia o mesmo com o sabão de lavar roupa e com outros artigos comprados por atacado.

Certa manhã, preparei uma imensa tigela de cereal. Minha mãe estava no fogão fazendo panquecas para meu pai. A massa estava efervescendo em grandes e fofas panquecas enquanto eu derramava o leite no cereal.

Sentado à mesa, dei algumas colheradas, mas o gosto não era bom. Mexi o cereal e juro que vi espuma. Eu já ia jogar fora a tigela quando meu pai me deteve.

“Coma”, disse ele. “É só o leite em pó, é esse o gosto.”

Tentei protestar.

“Não é isso”, disse eu. “Tem um gosto azedo. Parece sabão.”

“É só se acostumar”, disse meu pai.

Jamais gostei do sabor de leite em pó, mas havia qualquer coisa de errado com aquele. Engoli toda a tigela, uma colherada de cada vez. Depois de algum tempo, as papilas gustativas deixaram de reagir. Tudo que eu conseguia sentir era aquele gosto azedo, saponáceo. As panquecas de meu pai apareceram logo depois que acabei de comer o cereal. Ele deu uma mordida e cuspiu.

“O que há de errado com estas panquecas?”, perguntou à minha mãe.

Minha mãe parou de preparar as panquecas de minha irmã e deu uma mexida na massa. Depois pegou um saco plástico e cheirou.

“Acho que usei detergente de lavanderia em vez de leite em pó”, disse, com um sorriso encabulado. “Não admira que elas tenham crescido e formado tantas bolhas.”

Minha mãe pôs-se a rir, meu pai também. Quando perceberam que eu tinha comido uma tigela de cereal com água de sabão, riram ainda mais. Tentei rir também, até começar a sentir dor de barriga.

Minha mãe jogou fora a massa e começou tudo de novo. Quando me ofereceu outra tigela de cereal, recusei. Meu estômago dava voltas, e senti as bolhas roncarem pelo resto do dia.

Viver no Alasca era difícil, e nem sempre por causa do sabão líquido em meu cereal. Não havia nada de normal na minha criação, mas meus pais sabiam os sacrifícios que estavam fazendo. Não precisavam engolir aquele leite em pó de gosto horrível, nem morar numa aldeia no interior do estado. Escolheram uma vida mais difícil do que a da maioria porque era a única maneira de alcançarem seu objetivo na vida, o de ser missionários e espalhar sua fé. Eu sabia que sua dedicação me influenciava muito. Ela me deu os valores de que precisava para, no devido tempo, me distinguir na Marinha.

Meus pais me puseram numa direção que não era a norma na aldeia. As pessoas ali não deixavam o lugar. Arrumavam emprego na construção civil durante o verão e viviam de suas economias e da terra durante o inverno. Meus pais insistiam para que eu sonhasse alto, e seguisse meu próprio caminho. Dos meninos com quem cresci, fui um dos poucos com planos de fazer alguma coisa que não fosse permanecer na aldeia.

Meu pai sempre foi justo e nunca me obrigou a fazer nada além do que achava que eu seria capaz de fazer. Por isso, quando me pediu que eu pelo menos tentasse um ano de faculdade antes de me alistar na Marinha, tive que ceder ao seu desejo. Ele era parte da geração Vietnã e não queria que nada acontecesse comigo, mas acho que também compreendia minha paixão por servir, porque sentia a mesma paixão por seu trabalho missionário.

Assim, fizemos um acordo.

Depois de terminar o ensino médio, matriculei-me numa pequena faculdade no sul da Califórnia e assumi o compromisso de ficar pelo menos um ano. Mas não planejava permanecer um dia a mais. Após o primeiro ano, minha ideia era me alistar e ir para o BUD/S.

Meu primeiro ano passou voando, e meu pai tinha razão. A faculdade era divertida. Conhecer a vida fora da aldeia foi bem legal. Minha média não batia nenhum recorde, mas eu estava me divertindo muito e fazendo novas amizades. Eu havia lhe prometido um ano, mas decidi ficar e terminar o curso.

Minha escola não tinha um programa de Corpo de Treinamento de Oficiais de Reserva da Marinha (ROTC), e os programas circundantes não tinham um acordo de parceria. O programa do Exército na Universidade do Estado da Califórnia, em Fullerton, aceitava estudantes de escolas vizinhas, por isso me matriculei.

O ROTC é um programa baseado nas faculdades para treinar oficiais. Estudantes fazem cursos de ciência militar, trabalham fora e praticam exercícios juntos. Uma vez por semana, tipicamente, estudantes do ROTC vão para a escola fardados. Eu estudava na minha escola durante o dia e depois atravessava a cidade de carro até o edifício de Ciências Militares para assistir a eventos e aulas de ciência militar na Universidade do Estado da Califórnia. Meu objetivo não era vir a ser um oficial, nem ingressar no Exército. Eu só queria estar envolvido em alguma coisa que fosse militar. Eu gostava de usar farda; dava-me um sentimento de orgulho.

Depois do primeiro ano, os instrutores do ROTC me perguntaram se eu queria ir para a Escola de Paraquedistas do Exército dos Estados Unidos em Fort Benning, Geórgia. Eu tinha me destacado no primeiro semestre, e eles imaginavam que esse atrativo não só me manteria no programa, como também me convenceria a pegar uma bolsa para ser um futuro oficial do Exército.

Aceitei a chance de ir para a Escola de Saltos, que é como a maioria das pessoas chama o programa de treinamento de paraquedistas. Tinha lido livros suficientes para saber que os Seals mandam pessoas

diretamente do BUD/S para se qualificar como paraquedistas. Imaginei que seria uma oportunidade de completar o curso de três semanas mais cedo. Antes de partir, cortei meu cabelo no estilo do Exército, como os demais colegas de escola.

Na primeira manhã acordamos ao amanhecer e entramos em formação no campo de desfiles perto dos nossos alojamentos. O sol mal despontava entre os pinheiros, e o ar já era úmido e pegajoso. No segundo exercício, minha camiseta cinza do Exército estava empapada.

Todo mundo tinha a mesma aparência — camisas cinza, shorts pretos, cabelo de corte padrão, raspado dos lados e um pouco mais alto em cima —, exceto um pequeno grupo com cabelos mais longos e camisetas marrons. Quando vi o grupo em seus uniformes depois do treinamento físico, percebi que traziam a identificação Marinha dos EUA colada a velcro sobre o bolso esquerdo. Sabia que só podiam ser Seals.

Os Seals mantinham-se juntos durante o treinamento. Vi os instrutores corrigirem um Seal e ordenar-lhe que fizesse dez flexões como castigo. Logo que o Seal começou, os companheiros se jogaram no chão também. Em uníssono, berravam as repetições. “Um, dois, três...” Ninguém se aproximava deles, embora eu quisesse desesperadamente lhes fazer perguntas sobre o BUD/S.

Para ser honesto, eu queria *ser* um deles.

Na segunda semana de treinamento, finalmente consegui falar com os Seals. Era hora do almoço e o único lugar que sobrou foi na minha frente. De início não houve conversa, só um aceno. Eu estava intimidado demais para puxar conversa. Mas, depois de umas colhe-radas, o Seal finalmente falou.

“Ei, irmão, posso lhe fazer uma pergunta?”, disse.

Diferentemente do Seal que conheci em Washington, esse era mais magro, com cabelo mais curto. Era esbelto e tinha um ar de confiança, não de arrogância.

“Claro”, respondi.

Eu estava meio agitado por finalmente poder falar com um Seal.

Lá no fundo, eu é que gostaria de lhe fazer perguntas. Tinha tantas na cabeça, especialmente sabendo que ele acabava de sair do treinamento. Mas enquanto eu via o meu futuro, o Seal via apenas mais um cadete brincando de Exército durante três semanas.

“Qual é a do corte de cabelo?”, perguntou o Seal. “Não consigo entender. Por que vocês cortam o cabelo desse jeito?”

Parei de comer.

Não conseguia acreditar que a pergunta era dirigida a mim. Não é que houvesse malícia ou zombaria. Parecia que ele estava realmente curioso, o que só piorava a situação. Se tivesse zombado de mim, eu pelo menos teria uma razão para ficar furioso.

“Não sei, cara”, disse. “Realmente não sei.”

Tentei mudar de assunto, para falar sobre o BUD/s. Eu de fato não queria conversar sobre uma coisa que, na verdade, não compreendia. E me sentia desconfortável, constrangido.

Antes do fim da conversa, tomei uma decisão. Não queria mais saber do Exército. Voltei para a Califórnia e devolvi as fardas e botas, que já não brilhavam como antes. O cabelo raspado dos lados e mais cheio em cima começou a crescer.

Quando terminei a papelada, um dos oficiais da unidade me segurou.

“Ei, cara, tem certeza de que quer ir embora?”, perguntou. “Precisamos de bons cadetes e seria uma pena vê-lo sair.”

“Não consigo fazer isto”, respondi finalmente.

O instrutor tentou argumentar.

“Você é um ótimo cadete”, disse. “Só mandamos os melhores para a escola de saltos.”

Agradei o elogio, mas não queria ficar no Exército.

“Quero ser um Seal”, disse. “É meu sonho desde menino.”

Sabia que estava me arriscando. Ao sair do ROTC, eu abria mão da oportunidade de obter uma bolsa. Mas valia a pena, e acho que às vezes só alcançamos o que queremos quando estamos dispostos a arriscar tudo. Um bom exemplo é o de meus pais, que se mudaram

para o Alasca, longe da família e de qualquer apoio, para alcançar seus objetivos. Não era mais uma ideia que eu tinha porque achava legal. Agora era o farol que orientava minhas decisões na vida.

Tenho certeza de que muitos dos que se tornaram meus companheiros de equipe eram iguais. Todos nós queríamos ser parte de uma coisa maior. Eu tinha me desviado e desfocado daquilo que realmente desejava.

Quando finalmente assinei meu contrato de alistamento na Marinha, tive que escolher um curso “A”, que basicamente significava decidir que trabalho eu executaria se saísse do BUD/S e não me tornasse um Seal. O recrutador queria que eu fizesse energia nuclear, ou *nuke*, para trabalhar nos reatores que propulsionavam os submarinos e os porta-aviões. O curso durava dezoito meses. Eu sabia que recrutadores provavelmente ganhavam bônus por colocar pessoas nos programas mais difíceis, mas não queria esperar tanto para começar o BUD/S.

“Qual é o curso mais curto que existe?”, perguntei ao recrutador.

Ele folheou seus arquivos e encontrou uma tabela com detalhes sobre todos os cursos. Correndo o dedo pela lista, parou e ergueu os olhos.

“Torpedeiro. Sete semanas”, disse, já conformado com o fato de que não me colocaria no *nuke* nem ganharia pontos.

Em vez disso, eu ficaria engraxando torpedos durante dois meses antes de, com sorte, ter chance de fazer o BUD/S. Não perdi muito tempo pensando no que aconteceria se falhasse. Teria enlouquecido se ficasse quatro anos como torpedeiro, e talvez saísse da Marinha. Para mim, naquela altura, não havia plano B.

Estabeleci objetivos mais altos do que a maioria das pessoas achava possível para um menino do Alasca, mas sabia, instintivamente, que ou venceria ou morreria tentando. Não queria chegar à velhice arrependido por não ter tentado.

Havia algum conforto em finalmente trabalhar pelo objetivo de me tornar um Seal. Eu aprendera a fazer sacrifícios com meus pais.

Eles me mostraram o que significava viver por alguma coisa maior do que eu mesmo. Ao me matricular no ROTC, eu havia me desviado. Foi preciso aquele almoço na escola de saltos para me trazer de volta aos trilhos. Quando olhei no espelho, o que vi foi alguém com a motivação e a disciplina para fazer as coisas acontecerem. Vi alguém com um objetivo. Eu só precisava de uma oportunidade para provar que estava à altura. Sabia que nada na vida pareceria certo se pelo menos não tentasse com vontade.

“Sete semanas”, eu disse. “Pode me matricular.”